



# COMUNICAÇÃO MADIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v. 19, n. 2, p. 109-134, jul.-dez. 2024

## Representações femininas grotescas em memes: carnavalização, violência de gênero e dinâmicas sociais no digital

*Representaciones femeninas grotescas en memes: carnavalización, violencia de género y dinámicas sociales en lo digital*

*Grotesque female representations in memes: carnivalization, gender-based violence and social dynamics within the digital*

**Daniela de AZEVEDO**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (UnB)  
Professora do Departamento de Comunicação e Letras (Unimontes)

E-mail: dannyazef@yahoo.com.br

**Andrea Cristina VERSUTI**

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (UnB)

E-mail: andrea.versuti@gmail.com

Enviado em: 09. set. 2024

Aceito em: 03. dez. 2024

**RESUMO**

A partir da perspectiva bakhtiniana de carnaval como inversão social, este artigo tem como objetivo examinar memes que retratam a figura feminina de forma grotesca na cultura digital. Partindo da hipótese de que esses memes, sob o pretexto de humor, perpetuam estereótipos e discursos preconceituosos, o estudo analisa criticamente sua produção, disseminação e impacto na sociedade contemporânea. Divididos em duas categorias – capacitismo e racismo, os memes foram analisados com base no Modelo Tridimensional de análise discursiva de Fairclough (1989), e na Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006). Os resultados indicam que, no contexto digital, esses memes configuram-se como estratégia de subjugação e perpetuação dos preconceitos que operam por meio dessas representações, sendo tanto reflexo quanto agente das dinâmicas sociais e culturais arraigadas no patriarcado.

**Palavras-chave:** *Cultura digital; memes grotescos; racismo; capacitismo.*

**RESUMEN**

Desde la perspectiva bajtiniana del carnaval como inversión social, este artículo tiene como objetivo examinar los memes que retratan la figura femenina de manera grotesca en la cultura digital. Se parte de la hipótesis de que estos memes, bajo el pretexto del humor, perpetúan estereótipos y discursos prejuiciosos, el estudio analiza críticamente su producción, difusión e impacto en la sociedad contemporánea. Divididos en dos categorías —capacitismo y racismo—, los memes se han analizado desde el Modelo Tridimensional de análisis discursivo de Fairclough (1989) y en la Gramática del Diseño Visual de Kress y van Leeuwen (2006). Los resultados indican que, en el contexto digital, estos memes se configuran como una estrategia de subyugación y perpetuación de los prejuicios que operan a través de esas representaciones, siendo tanto reflejo como agente de las dinámicas sociales y culturales arraigadas en el patriarcado.

**Palabras clave:** *Cultura digital; memes grotescos; racismo; capacitismo.*

**ABSTRACT**

From the Bakhtinian perspective of carnival as social inversion, this article aims to examine memes that depict the female figure in a grotesque way within digital culture. Starting from the hypothesis that these memes, under the guise of humor, perpetuate stereotypes and prejudiced discourses, the study critically analyzes their production, dissemination, and impact on contemporary society. Divided into two categories – ableism and racism –, the memes were analyzed on the basis of Fairclough's Three-Dimensional Model of discourse analysis (1989), and Kress and van Leeuwen's Visual Design Grammar (2006). The results indicate that, in the digital context, these memes function as a strategy for subjugating and perpetuating the prejudices that operate through these representations, being both a reflection and an agent of the social and cultural dynamics rooted in patriarchy.

**Keywords:** *Digital culture; grotesque memes; racism; ableism.*

## Introdução

No contexto da cultura digital, os memes emergem nas redes sociais como uma forma peculiar de expressão cultural, capaz de refletir e influenciar as complexas dinâmicas da sociedade contemporânea. Em um ambiente permeado pela instantaneidade e a viralidade que ditam as tendências culturais, os memes frequentemente capturam e amplificam aspectos diversos da vida moderna, desde o humor até questões sociais e políticas. No entanto, por trás da aparente frivolidade e entretenimento dos memes, há um terreno fértil para a análise crítica e a compreensão mais profunda de valores, tabus e dilemas que permeiam as relações humanas mediadas pelo digital.

Nos últimos anos, a presença de memes grotescos tem se destacado nas mídias sociais, especialmente quando se trata de memes que usam imagens de mulheres. Esses memes frequentemente exploram e exageram características físicas, comportamentos ou eventos associados às mulheres, utilizando humor de mau gosto, estereótipos prejudiciais e linguagem depreciativa, características que se relacionam ao grotesco (Bakhtin, 1987; Russo, 2000), revelando não apenas os vieses culturais que colocam a mulher em posição de inferioridade, mas também os mecanismos pelos quais o grotesco é mobilizado e disseminado nas redes sociais, amplificando e normalizando tais estereótipos. Esse fenômeno pode ser compreendido à luz da ecologia dos meios<sup>1</sup>, que destaca como as plataformas digitais fornecem um espaço propício para a propagação rápida e ampla de conteúdos ofensivos. Por meio de algoritmos de recomendação e compartilhamento viral, memes dessa natureza proliferam, contribuindo para a construção e reforço de uma cultura online que marginaliza as mulheres e perpetua desigualdades de gênero. Essa tendência evidencia a necessidade de uma reflexão crítica sobre o papel das mídias sociais na reprodução e amplificação de discursos misóginos.

Nessa perspectiva, partindo da hipótese de que esses memes podem contribuir para a perpetuação de estereótipos de gênero e a disseminação de discursos preconceituosos, este estudo se propõe a analisar o grotesco feminino na cultura dos memes, concentrando-se em representações grotescas de celebridades femininas e mulheres com deficiência, e como eles

---

<sup>1</sup> É o “estudo das mídias como ambientes” (Postman, 1970, p. 161). A ecologia dos meios compreende as mídias como ambientes culturais imersivos, que desviam a atenção dos impactos da mídia para as estruturas linguísticas que as moldam, visando compreender as transformações relevantes que as tecnologias introduzem nos domínios da comunicação, política, economia e sociedade.

são amplificados e disseminados, contribuindo para a construção de uma imagem distorcida e, muitas vezes, negativa da mulher, buscando compreender suas implicações sociais e culturais, tanto online quanto offline. Por meio de uma análise crítica, esperamos propiciar discussões mais reflexivas sobre a cultura dos memes e seu papel na construção e negociação de significados culturais no digital e, também, contribuir para a compreensão das dinâmicas das mídias sociais e sua relação com representação, poder e identidade na sociedade contemporânea.

O *corpus* da pesquisa é constituído por memes divididos em duas categorias: capacitismo e racismo, e sua análise baseia-se em duas perspectivas teóricas: o Modelo Tridimensional de análise discursiva de Fairclough (1989), que se fundamenta na ideia de que o discurso é construído nas práticas sociais, não apenas por texto, mas também por imagens, e que sua compreensão depende dos contextos de produção; e a Gramática do Design Visual<sup>2</sup> de Kress e van Leeuwen (2006), uma abordagem de análise imagética, que proporciona uma interpretação visual a partir de uma perspectiva cultural específica.

## Os memes na cultura digital

O digital oferece um ambiente propício para a criação de conteúdo pessoal de forma anônima ou não, frequentemente produtos multimídia que podem se tornar virais (Paciello *et al.*, 2021). Isso é evidente no caso dos memes, unidades de informação, representações mentais ou ideias concretizadas através de imagens, vídeos, piadas, comportamentos e sons, que se espalham de pessoa para pessoa e alcançam o *status* de fenômenos sociais reais (Shifman, 2013). Assim, o meme é um fenômeno intrínseco à cultura digital, que emerge como uma forma de expressão cultural, transcendendo fronteiras geográficas e linguísticas e moldando as interações online de maneira significativa.

Os memes têm suas raízes na teoria proposta por Richard Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene* (1976). Dawkins cunhou o termo meme, “[...] ‘uma unidade de transmissão cultural, ou de imitação’, ou seja, tudo aquilo que se transmite através da repetição, como hábitos e costumes dentro de uma determinada cultura” (Torres, 2016, p. 60). De acordo com Chagas (2021, p. 2), “a compreensão de Dawkins (1976) sobre os memes parte de chaves analíticas que carregam emprestadas analogias com os genes, [...] como se os memes

<sup>2</sup> Segundo Kress e Van Leeuwen (2006), o conceito de "gramática" não se associa ao conceito tradicional de gramática usada no estudo da língua. Isso porque não se refere a uma estrutura estática e imutável, separada da prática. A escolha pelo termo para a conceituação dos estudos relativos ao design visual, portanto, não atua em sentido comparativo entre os recursos comunicativos expressos pela língua e pela imagem.

fossem os genes da cultura”. Meme deriva da palavra grega *mimesis* – imitação e, assim como o gene, funciona como unidade de transmissão que transporta informações culturais.

No entanto, foi com a popularização da internet que os memes assumiram sua forma moderna, com a disseminação de imagens, vídeos, *hashtags* e textos humorísticos pelas redes sociais e outros meios de comunicação digital. Para Chagas (2021), é difícil determinar o momento em que os conteúdos disseminados na internet começaram a ser chamados de memes, pois o termo passou por vários processos de reapropriação até adquirir o significado atual. É reconhecido que, em algum momento de década de 1990, tornou-se comum interpretar como memes as piadas, trocadilhos e outras formas de conteúdo viral que rapidamente ganhavam popularidade em fóruns de discussão online e *newsgroups*.

À medida que os memes se tornam cada vez mais populares e repercutem como artefato cultural no digital, vários pesquisadores<sup>3</sup> têm se debruçado sobre esse fenômeno, e suas compreensões se afastam do conceito original proposto por Dawkins (1976). No quadro abaixo, apresentamos algumas definições de meme.

**Quadro 1 – Definições de meme no contexto digital**

Autores	Definição
Knobel e Lankshear (2020)	Ideia particular apresentada como texto escrito, imagem, linguagem animada ou outra unidade cultural.
Davison (2020)	Peça ou conteúdo cultural, tipicamente uma piada, que ganha influência a partir de sua transmissão online.
Torres (2016)	Adaptado para a internet, especialmente para as redes sociais, o meme passa a ser uma “unidade” propagada ou transmitida através da repetição e imitação, de usuário para usuário ou de grupo para grupo.
Shifman (2014)	Grupo de itens digitais que compartilham características comuns em sua forma, conteúdo e postura, que foram postos em circulação, imitados e/ou transformados através da internet por diferentes usuários.
Bauckhage (2011)	produções culturais que se difundem voluntariamente via e-mail, mensagens instantâneas, blogs ou redes sociais e ativam “piadas internas” através da recriação de outras produções já existentes por intermédio da imitação cômica, satírica ou irônica de seus elementos.

**Fonte: Chagas, 2021, p. 10 (Adaptado)**

As diferentes definições de meme destacam sua natureza multimodal, uma unidade cultural que se dissemina e se transforma por meio do digital, assumindo formas textuais,

<sup>3</sup> A pesquisadora mais proeminente é Limor Shifman, e suas pesquisas se concentram na compreensão do uso do humor no ambiente digital (Chagas, 2021, p. 8).

imagéticas ou animadas. Por ser um recurso multimodal, que agrega múltiplos elementos linguísticos – texto, imagem, vídeo e, ainda, a combinação desses elementos –, o meme é uma manifestação cultural, por meio da qual nos expressamos e nos relacionamos nas redes sociais, em contextos diversos (social, político, religioso, etc.) e o seus sentidos – individuais e coletivos – se propagam pelo digital através de repetição, adaptação e compartilhamento, transmitindo ideias, humor ou referências culturais específicas (Souto, 2023).

Os memes possuem uma série de características distintivas que contribuem para sua popularidade na cultura digital. Em geral, i) são breves, concisos e facilmente compreensíveis; ii) combinam imagem ou vídeo com texto humorístico ou irônico; iii) fazem referência a eventos atuais, algumas vezes polêmicos, alusivos ou não a celebridades, filmes, programas de televisão e outras formas de cultura popular; e iv) podem ser resultado de transmídiações. Além dessas características, Souto (2023) destaca que os memes como gênero multimodal incorporam práticas de letramento remix, termo que se refere à capacidade de criar novos significados ao ampliar, modificar ou combinar textos e artefatos já existentes, bem como de fazer circular, interpretar, responder e construir sobre outras remixagens dentro das redes digitais.

No que concerne a transmídiação, Shifman (2014) considera que esta tática acrescenta uma camada de complexidade à linguagem dos memes ao fazer a distinção entre conteúdos miméticos e virais pela forma como cada um envolve os internautas. O conteúdo viral é aquele compartilhado, acessado e consumido em sua forma original, enquanto o mimético é caracterizado pelo envolvimento ativo da comunidade virtual por meio de remix, recontextualização e reaproveitamento. Assim, os memes não são apenas objetos digitais visuais e concisos que transmitem mensagens, mas também promovem a participação ativa dos usuários, que criam novas mensagens com significados próprios. Milner (2012) acrescenta que os memes não apenas incentivam o remix, mas dependem dele para garantir sua replicabilidade, exigindo um certo nível de literacia para que os usuários possam interagir de maneira significativa com a linguagem dos memes.

Manovich (2001) situa as novas mídias no contexto histórico de transformação das culturas visuais e midiáticas, destacando sua dependência das mídias antigas e suas formas únicas, como interface e banco de dados. Nesse sentido, o meme está entrelaçado com a linguagem da nova mídia, pois sua arquitetura possibilita o recorte, a **recombinação e ligação** de conteúdo da web com mídias antigas, fomentando a sua reedição colaborativa e flexível e promovendo uma cultura de remixagem e intercriatividade online, por meio de compartilhamentos em plataformas de mídia social, como *Facebook*, *Instagram*, *X* e *Whatsapp*,

onde são repostados, remixados e adaptados pelos usuários dessas redes sociais. A viralização dos memes é impulsionada pela sua natureza compartilhável e adaptável, bem como pela interação ativa dos usuários na sua disseminação. Como forma de comunicação e expressão digital, os memes exemplificam a remixabilidade colaborativa ao recombina informações para criar novos comentários políticos e sociais, alinhando-se com os princípios transformadores da Web 2.0 (Manovich, 2005). A velocidade com que os memes se espalham e se tornam virais reflete a dinâmica acelerada e descentralizada da cultura digital, onde as fronteiras entre produção e consumo de conteúdo são cada vez mais fluidas.

Os memes influenciam atitudes, comportamentos e percepções coletivas, pois moldam as formas como os grupos sociais se relacionam e se comunicam online. Na cultura digital, os memes desempenham um papel multifacetado, sendo utilizados como forma de socialização para expressar ironia, alegria, tristeza, e outros sentimentos inerentes à vida cotidiana. Eles proporcionam um espaço de criatividade e expressão para os internautas, permitindo que compartilhem opiniões, sentimentos e experiências de maneira lúdica e informal.

Além disso, os memes podem servir como ferramentas de engajamento político, conscientização social e mobilização coletiva, catalisando discussões sobre questões importantes quando utilizados para desafiar discursos dominantes, subverter estereótipos e amplificar vozes marginalizadas. Por meio de *hashtags* e campanhas virais, os memes podem mobilizar comunidades online em torno de causas sociais, aumentando a conscientização e promovendo ações coletivas (Arruda *et al.*, 2017).

No entanto, há memes que são idealizados para contextos muito específicos, com a função de criticar, satirizar, humilhar, tendo como alvo políticos, celebridades e pessoas que são vítimas de todos os tipos de preconceitos, fomentando uma prática social muito negativa para a sociedade. Esses memes, marcados pelo ódio ou pelo desdém, contribuem para uma prática social que naturaliza a desvalorização de certos corpos e identidades. Assim, ao invés de serem apenas formas inofensivas de entretenimento, eles atuam como agentes ativos na manutenção de hierarquias de poder e exclusão. É neste aspecto negativo que focamos este estudo, tendo como objeto de análise dois memes da cantora Preta Gil, que virou alvo de racismo após a publicação de suas fotos de casamento, em maio de 2015; e um meme de uma estudante universitária, feminista e cadeirante, publicado na rede social *Facebook*, no carnaval de 2016. Ao focar nesse aspecto negativo dos memes, a análise se debruça na compreensão de como essas representações afetam a vida das mulheres retratadas, tanto no

nível pessoal quanto social, evidenciando a forma como o grotesco feminino é utilizado para atacar e perpetuar preconceitos.

## O grotesco, o carnaval e os memes

O grotesco é um conceito multifacetado que não se enquadra em categorias definidas, sendo, portanto, uma manifestação artística indefinida e desviante, frequentemente utilizada como exemplo do que não se alinha com a norma (Kayser, 2013; Sodré; Paiva, 2014; Russo, 2000).

É confusão, mistura de formas, como sugere o teórico literário Geoffrey Harpham (2006) ao se aventurar na relação do fenômeno com a história da arte. Segundo Justin Edwards e Rune Graulund (2013), pesquisadores que exploram a interseção da literatura com a cultura visual, um dos pontos que envolve as formas grotescas é a sua manifestação no mundo material, corporal, na fisicalidade. E essa potência também é elemento marcante para a estudiosa de teoria crítica e gênero Mary Russo (2000), que indica que o corpo grotesco se manifesta através da heterogeneidade, do risco, dos excessos e das ambivalências (Mello, 2020, p. 58).

Assim, devido ao seu caráter ambíguo, incerto, fluido e metamórfico, o grotesco dialoga com diferentes formas de expressão artística e cultural em diferentes contextos. Segundo Harpham (2006), citado por Mello (2020), diversas manifestações artísticas, como maneirismo, barroco, absurdo, surrealismo, ironia, sátira, caricatura, paródia e carnaval oferecem uma variedade infinita de possibilidades dentro do vasto fenômeno do grotesco.

A relação entre o carnaval e o grotesco (Bakhtin, 1987); o grotesco (Kayser, 2013); o grotesco na indústria do entretenimento e seu papel na formação de públicos de massa (Sodré; Paiva, 2014); o grotesco feminino (Russo, 2000) e as figurações femininas grotescas em memes revela uma interseção complexa entre representações culturais e expressões contemporâneas.

Devido à origem do termo grotesco – grotta, caverna – Russo (2000) estabelece relações com o corpo feminino, cavernoso, por natureza: “Como metáfora do corpo, a caverna grotesca tende a se parecer (e, no sentido metafórico mais grosseiro, identificar) com o corpo feminino anatomicamente cavernoso” (Russo, 2000, p. 13). A autora destaca elementos essencialmente corporais que se relacionam com o grotesco e que, indiretamente, também se conectam ao feminino: “[...] sangue, lágrimas, vômito, excremento – todos os detritos do corpo que são separados e colocados com terror e repugnância [...] ao lado do feminino – estão ali embaixo, naquela caverna de abjeção” (Russo, 2000, p. 14). As reflexões

de Russo nos ajudam a compreender a associação do grotesco, ao longo do tempo, à deformidade, à estranheza e à aceitação do imperfeito.

Bakhtin (1987) foi o primeiro estudioso a estabelecer a relação do grotesco com o corporal, o mundano, associando-o ao carnaval, a partir da análise da obra do romancista francês François Rabelais (1494-1553). As imagens da obra de Rabelais são moldadas pela comicidade, característica cultural das eras medieval e renascentista, e que se evidencia em diversas manifestações, tais como festivais carnavalescos; rituais e práticas cômicas com encenações de anões, bufões e seres míticos (gigantes, monstros); e literatura satírica. Na perspectiva bakhtiniana, essas manifestações representam a ruptura com valores convencionais dominantes, os quais a sociedade impõe sobre si mesma. Essa interpretação é a base do realismo grotesco de Bakhtin<sup>4</sup>. No contexto do realismo grotesco, o princípio material e corporal se manifesta de forma universal, festiva e utópica, integrando-se a todos os outros aspectos da vida, sejam positivos ou negativos, espirituais ou materiais, nobres ou vulgares. Não há prevalência de um sobre o outro, mas sim uma integração completa, assemelhando-se a um verdadeiro evento carnavalesco. Na contemporaneidade, o carnaval de Bakhtin aplica-se a diferentes contextos excludentes e, na cultura digital, emerge, dentre outras manifestações, na forma de memes, que por meio do humor cristaliza ou subverte as normas culturalmente impostas à sociedade.

Ao voltarmos a atenção para os memes que circulam no digital, percebemos a sua relação com o realismo grotesco de Bakhtin (1987), o qual se relaciona com a representação de uma realidade oposta às convenções sociais, em que dualidades como vida e morte, sublime e grotesco, sagrado e profano emergem de maneira visceral. Da mesma forma, os memes desafiam e subvertem normas estabelecidas, incorporando elementos de humor, ironia e exagero, que referenciam eventos, figuras públicas e fenômenos culturais. Ambos os fenômenos compartilham uma propensão à transgressão e à crítica social, expondo as contradições e absurdos da vida cotidiana através de uma lente distorcida e, muitas vezes, satírica. Assim, a relação entre o realismo grotesco e os memes revela uma interseção entre teoria estética e prática cultural, onde as noções de representação, humor e resistência convergem em um espaço digital dinâmico e em constante transformação.

---

<sup>4</sup> O realismo grotesco, conforme descrito por Bakhtin (1987), tem suas origens nos carnavais da Europa Medieval. O carnaval, assim como hoje, é marcado por uma temporada de festividades intensas que precedem a seriedade da Quaresma. Durante esse evento, as pessoas comuns tinham a oportunidade de se envolver em comportamentos libertinos e paródias, desafiando as normas religiosas e aristocráticas da época. O carnaval, portanto, representa um mundo que rejeita a civilidade convencional e permite a expressão de vozes tradicionalmente marginalizadas.

Como fenômeno cultural, que ultrapassa as fronteiras do digital, Arkenbout, Wilson e de Zeeuw (2021) nos convidam a refletir sobre a natureza do riso evocado pelos memes e as diferentes direções que esse fenômeno cultural pode tomar. Devemos questionar que

[...] tipo de riso os memes potencializam e quem está rindo: é o riso libertador, carnavalesco, ou o tipo grotesco que se rende às mídias virais em abraço niilista? É o riso emancipatório dos ativistas políticos ou o dos líderes autoritários e seus exércitos de *trolls*, enquanto utilizam táticas meméticas para cutucar maliciosamente seus súditos ou incitar violência contra minorias? (Tradução própria)<sup>5</sup>.

A reflexão sobre o tipo de riso potencializado pelos memes e quem está envolvido nesse processo revela o caráter multifacetado e ambíguo dos memes enquanto expressões culturais. O riso libertador e carnavalesco sugere uma visão positiva dos memes como uma forma de expressão humorística, que desafia as normas estabelecidas e proporciona um senso de liberdade e participação coletiva. Essa perspectiva ecoa as ideias de Bakhtin (1987), o qual concebe o carnaval como uma prática cultural de caráter subversivo e renovador.

No entanto, o riso grotesco e niilista associado a certos memes potencializa a disseminação de conteúdo ofensivo e desumanizante e, ainda, a promoção de agendas extremistas. Nesse sentido, os memes podem ser instrumentos de violência simbólica, perpetuando estereótipos negativos e reforçando dinâmicas de poder opressivas. Arkenbout, Wilson e de Zeeuw (2021) também ressaltam o potencial dos memes como ferramentas de mobilização política e controle social. Enquanto os ativistas podem usar memes para promover a conscientização e a resistência, os líderes autoritários e seus seguidores podem empregá-los para manipular a opinião pública, disseminar desinformação e promover agendas antidemocráticas.

Portanto, a análise dos memes como fenômeno cultural deve levar em consideração não apenas seu aspecto humorístico, mas também seu papel na construção e contestação de narrativas sociais, políticas e identitárias. É crucial examinar quem se beneficia e quem é prejudicado com a disseminação de memes, assim como os contextos específicos em que são produzidos e onde circulam, a fim de compreender seu impacto na sociedade contemporânea.

### **O corpo feminino em memes grotescos: subversão ou opressão**

---

<sup>5</sup> What kind of laughter memes potentialize, and who is laughing: is it the liberating, carnivalesque kind, or the grotesque kind that defers to viral media in nihilistic embrace? Is it the kind of emancipatory laughter of political activists, or that of authoritarian leaders and their troll armies as they leverage memetic tactics to maliciously nudge their subjects or incite violence against minorities? (Arkenbout; Wilson; de Zeeuw, 2021, p. 16).

A relação entre corpo e identidade é intrinsecamente complexa, refletindo as interações entre as percepções individuais e as normas sociais. O corpo humano é frequentemente percebido e utilizado como objeto de consumo e representação social, moldado por ideais estéticos e funcionais ditados pela cultura dominante. Nesse contexto, indivíduos são incentivados a modificar seus corpos para atender aos padrões de beleza e adequação social, muitas vezes buscando uma imagem idealizada que corresponda às expectativas impostas pela sociedade. Essa mercantilização do corpo não apenas promove uma cultura de consumo excessivo, mas também pode contribuir para a construção e reforço de hierarquias sociais, onde corpos que se aproximam do ideal são valorizados e os que fogem desse padrão são marginalizados. O corpo humano não é apenas uma entidade física, mas também um campo onde se desenrolam complexas negociações de identidade, poder e pertencimento social. Isso indica uma ligação direta entre a dimensão social e as representações corporais. Os padrões de beleza são influenciados pela mídia, que promove ideais corporais muitas vezes contraditórios. “O corpo canônico é manipulado, modificado, esculpado, fantasiado, e tem os meios midiáticos como principal cúmplice em sua propagação em busca de adeptos” (Berri, 2018, p. 54).

Lévy (1999) explora o conceito de produção de subjetividade dentro de ambientes digitais e argumenta que, na cultura digital, a subjetividade não é apenas moldada por experiências individuais, mas também por interações coletivas e engajamentos dentro de comunidades e redes online. Lévy enfatiza o potencial transformador das tecnologias digitais em remodelar como os indivíduos se percebem e se relacionam com os outros. Ele sustenta que, no digital, a subjetividade é fluida e maleável, constantemente sendo negociada e construída por meio de interações com plataformas digitais, espaços virtuais e comunidades online. Assim, os meios de comunicação produzem e difundem uma série de valores, conhecimentos, estereótipos e mitos que circulam na sociedade, ao veicularem conteúdos culturais. Ao promoverem ideais de beleza corporal, os meios de comunicação contribuem para a construção da imagem que as pessoas têm de seus corpos. Na sociedade moderna, a identidade individual é formada tanto pela experiência pessoal quanto pela influência social, o que implica que a sociedade tem um papel na formação da identidade dos indivíduos. Isso significa que as representações sociais podem influenciar a percepção de si mesmo, incluindo pessoas com deficiência (Berri, 2018).

Os memes se tornaram uma forma expressiva e significativa de comunicação cultural. Caracterizados pelo humor, que frequentemente resulta em risadas e sensações de bem-estar, representam uma forma de comunicação e expressão cultural significativa na cultura digital. O humor é fundamental para a viralidade dos memes e, dado que os memes online tendem a retratar a cultura popular e vida cotidiana, é comum que questões de sexo e gênero sejam populares (Paciello, *et al.*, 2021). Nesse sentido, os memes desempenham papel significativo na normalização de estereótipos de gênero, ao basearem-se em representações exageradas e caricaturadas das mulheres, reforçando tradições patriarcais. Por exemplo, ao retratarem mulheres como excessivamente emocionais, irracionais ou obcecadas pela aparência, contribuem para a perpetuação de expectativas sociais limitantes (Shifman *et al.*, 2007). Além disso, muitos memes reduzem as mulheres a objetos de desejo sexual, promovendo uma cultura de objetificação e misoginia, ao enfatizarem exclusivamente seus atributos físicos ou poses sexualmente sugestivas. Essa objetificação desumaniza as mulheres, vinculando seu valor apenas à aparência, em detrimento de suas habilidades e conquistas (Gill, 2007). Alguns memes também trivializam e glorificam a violência de gênero, ao fazerem piadas sobre abuso doméstico, estupro ou assédio, contribuindo para uma cultura que tolera e normaliza a violência contra as mulheres, dessensibilizando o público para a gravidade dessas questões e perpetuando estereótipos prejudiciais (Worth; Augoustinos; Hastie, 2016).

Cabe ressaltar que a figura masculina também é usada em memes, mas é importante reconhecer que as mulheres são frequentemente as principais vítimas de humor com vieses preconceituosos, sendo estereotipadas e retratadas de maneira negativa em comparação com os homens. Essa representação estereotipada das mulheres nos memes não apenas perpetua a ideologia patriarcal, mas também promove uma forma de masculinidade hegemônica. O uso de humor para zombar das mulheres contribui para a normalização da violência de gênero. Assim, os memes têm o potencial de disseminar ideias e atitudes, sendo necessário analisar criticamente seu conteúdo e impacto na cultura digital (Paciello *et al.*, 2017).

Na perspectiva da cultura visual, o grotesco feminino nos memes se manifesta por meio de caricaturas hiperbólicas, estereótipos de gênero, demonização, etc., podendo ser tanto subversivo quanto opressivo. Esses memes frequentemente amplificam e perpetuam ideias preconceituosas, refletindo e, em alguns casos, reforçando desigualdades de gênero, machismo, racismo, capacitismo e outros estereótipos arraigados na sociedade.

## A metodologia de análise

Pautando-se no trabalho de Arruda *et al.* (2017), as análises do memes que compõem o *corpus* desta pesquisa, fundamentam-se no modelo tridimensional da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1989) e na Gramática do Design Visual (GDV), postulada por Kress e van Leeuwen (2006).

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma abordagem transdisciplinar voltada para o estudo de textos, que se situa entre a Linguística e a Ciência Social Crítica. A ACD considera a “linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual” (Fairclough, 2001, p. 90) e, nesse sentido, busca compreender como as estruturas linguísticas e discursivas refletem, mantêm e reproduzem relações de poder e ideologias em contextos sociais e culturais. O foco da ACD é a ideologia embutida no discurso, o qual é percebido como um instrumento ideológico que espelha o cenário social e perpetua a dinâmica de poder, a hegemonia, o preconceito e a autoridade (Arruda *et.al*, 2017).

Para Fairclough (1989; 2001), a relação entre discurso e sociedade é complexa e dialética. Assim, a ACD fundamenta-se em um modelo teórico-metodológico que explora a conexão entre relações de poder e recursos linguísticos selecionados nos discursos de indivíduos ou grupos sociais. Com base nesse princípio, ele desenvolveu um modelo tridimensional de análise de discurso, considerando que o discurso é construído no nível textual, na prática discursiva e na prática social. Portanto, segundo este linguista, qualquer evento discursivo é simultaneamente um texto, uma prática discursiva e uma prática social.

A primeira dimensão desse modelo é a textual, que se concentra na descrição das propriedades formais do texto e seus significados. Ao analisar o texto, o pesquisador deve considerar o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. A análise ainda inclui fenômenos linguísticos, como neologismos, lexicalizações e a relação entre palavra e sentidos em contextos específicos. A análise gramatical examina a combinação de palavras em frases, enquanto a coesão analisa as ligações entre as frases, utilizando mecanismos como referência, palavras do mesmo campo semântico, conjunções e sinônimos próximos. Por fim, a análise da estrutura textual foca na organização textual, considerando a maneira e a ordem em que os elementos são combinados (Fairclough, 1989).

A segunda dimensão, a prática discursiva, requer o exame de toda a trajetória de produção, disseminação e consumo de texto. O analista integra o discurso na prática cultural de uma sociedade, investigando como esse discurso reflete o meio social e as ideologias predominantes. No contexto da prática discursiva, é crucial que a análise do discurso

considere as atividades cognitivas envolvidas na produção, distribuição e consumo do texto (Fairclough, 1989).

A terceira dimensão do discurso, a prática social, também é essencialmente interpretativa e se concentra nas condições materiais do contexto em que a prática discursiva ocorre. Partindo de um contexto mais amplo, o analista deve considerar os aspectos institucionais envolvidos na produção e consumo do texto. Em um nível mais restrito, é importante observar detalhes do contexto imediato, como os sujeitos envolvidos na produção e recepção do texto, bem como o momento e local em que ele é consumido (Fairclough, 1989).

Neste estudo, o texto é imagético e, por isso, utilizamos a análise discursiva em conjunto com a Gramática do Design Visual (GDV) para as análises dos memes. A GDV é uma teoria de multimodalidade desenvolvida por Kress e van Leeuwen (2006), fundamentada nos princípios da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1985) e, assim como a LSF, estuda os fenômenos linguísticos por meio de metafunções, que se referem às três funções principais que a linguagem desempenha: a ideacional (representa experiências e o mundo externo), a interpessoal (expressa relações sociais e atitudes) e a textual (organiza a informação no discurso) (Kress; van Leeuwen, 2006). Essas funções operam simultaneamente em qualquer uso da linguagem, contribuindo para a construção de significado. Na GVD, a linguagem imagética tem função representacional, interacional e composicional.

**Quadro 2 – Comparação entre as terminologias adotadas pela LSF e pela GDV**

		LSF	GDV
<b>Metafunções</b>	Representações do mundo	Ideacional	Representacional
	Relações entre os participantes do discurso	Interpessoal	Interacional
	Organização dos elementos do texto	Textual (texto)	Composicional (imagem)

**Fonte: Araújo, 2011, p. 73 (adaptado)**

Desse modo, as metafunções da gramática visual são maneiras diferentes de interpretar as imagens. A metafunção representacional visualmente constrói eventos, objetos, participantes e circunstâncias em imagens; a metafunção interativa estabelece relações produtor-leitor por meio de estratégias como contato, distância social, perspectiva e modalidade; e a metafunção composicional auxilia a compreender como as imagens são

organizadas em termos de enquadramento, cores, disposição dos objetos, etc., e como esses elementos se relacionam uns com os outros.

A GDV considera que os textos são compostos por diferentes modos semióticos – verbal, visual, escrito, musical, gestual, cromático – para transmitir significado, e concentra-se na análise de elementos visuais em diversas formas de mídia, enfatizando a importância do design visual na transmissão de mensagens de forma eficaz por meio de uma abordagem sistemática. Dessa forma, contribui para a compreensão das habilidades multimodais, do pensamento crítico e da comunicação eficaz por meios visuais (Araújo, 2011).

O modelo idealizado por Kress e van Leeuwen destaca i) a relevância da comunicação visual em materiais educacionais; ii) a acessibilidade crescente às tecnologias de manipulação de imagens, como softwares (atualmente, também aplicativos de edição de imagem, além de Inteligência Artificial), por pessoas não especializadas, e iii) o fenômeno da globalização, que demanda um entendimento generalizado das representações visuais devido à sua rápida disseminação e consumo em todo o mundo e, conseqüentemente, a necessidade de compreensão das representações visuais no contexto digital. Assim, a GDV se concentra na análise de uma variedade de “textos-objeto”, incluindo obras de arte, mapas, cartazes, peças publicitárias e todo tipo de produção cultural imagética online e offline.

Ao focar nas funções representacionais, interativas e composicionais das imagens, a GDV permite aos pesquisadores compreender como diferentes modos semióticos interagem dentro dos memes, contribuindo para a apreensão de seu significado geral e revelando as possíveis relações de poder que emanam da imagem.

### **As análises dos memes: o que está por trás do riso**

O corpo relaciona-se diretamente com padrões de beleza ditados pelo patriarcado e, frequentemente, são classificados com base em características biológicas. Aqueles que não se encaixam nesses padrões são vistos como inferiores ou defeituosos (Berri, 2018). Quando se trata de deficiência física, o corpo é o principal marcador da diferença, a qual é reforçada pela ideia utópica de corpos perfeitos, ditada por uma sociedade que se rende às tecnologias de manipulação de imagens e procedimentos estéticos, cada vez restritos. Esse padrão de beleza inalcançável contribui para a discriminação de pessoas com deficiência física, visto que na prática social discursiva essas pessoas são, em diferentes contextos, consideradas inferiores na relação de poder.

A representação de pessoas com deficiência em memes é frequentemente problemática, pois esses memes usam a deficiência como fonte de humor, para ridicularizar e desumanizar os portadores de deficiência, como é o caso do meme abaixo, publicado em perfis do Facebook, durante o carnaval de 2016.

A foto que deu origem ao meme foi publicada no perfil de uma estudante de Educação Física e, logo depois, foi usada como meme, sem sua autorização, ridicularizando a sua situação de cadeirante. A foto que virou meme foi tirada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, quando ela estava em um bloco de carnaval e notou as plaquinhas que um desconhecido carregava e que chamaram a sua atenção: “Sambando na cara do machismo” e “Respeita as minas”. Ela pediu para tirar fotos com as placas, e postou em seu perfil no *Facebook*. As fotos seriam apenas mais uma manifestação feminista, caso a moça não fosse cadeirante, mas ganharam repercussão negativa em páginas de “humor”, pois, de acordo com a lógica discriminatória, uma pessoa com deficiência não poderia sambar na cara do machismo (Rodrigues, 2016).

**Figura 1: Meme “Sambando na cara do machismo”**



Fonte: Rodrigues, 2016 (editada)<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Apesar de a foto e o meme estarem disponíveis no site de notícias *Campo Grande News* (<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/paginas-do-facebook-fazem-meme-com-foto-de-jovem-com-deficiencia>), optamos por sombrear o rosto da estudante para preservar a sua identidade.

A foto que deu origem ao meme desafia estereótipos, celebra o empoderamento e convida à reflexão crítica sobre a necessidade de respeito ao gênero feminino, em uma celebração notoriamente marcada pelo desrespeito dos homens em relação às mulheres, além de transmitir uma forte mensagem de inclusão das pessoas com deficiência. O meme, por outro lado, tem a intenção clara de ironizar.

O contexto do carnaval sugere celebração, festividade e expressão cultural. A cadeira de rodas simboliza a deficiência e desafios, além de remeter à ideia de movimento, representando os direitos das pessoas com deficiência de ocuparem os mesmos espaços que as pessoas não deficientes. A máscara simboliza performance e identidade.

No que diz respeito à composição visual do meme, o foco central está na feminista na cadeira de rodas. É comum o uso de imagens de animais em memes de forma personificada, e o gato na parte inferior equilibra a composição, tirando o foco da cadeirante. Na prática social do discurso, este gato pode representar o indivíduo que idealizou o meme. Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação inferencial entre a máscara de carnaval com a imagem do gato, mas com sentido contrário daquele dado à máscara usada pela feminista, ou seja, a falta de identidade, um disfarce. Ao assumir a identidade de um animal, o idealizador deste meme retira de si a responsabilidade pelo capacitismo impregnado na imagem, ao mesmo tempo em que confere a ela um tom de brincadeira e inocência.

Focando nas mensagens textuais emitidas pela feminista, elas também têm um componente forte visual, pois os textos utilizam fontes em negrito e cores contrastantes. Há equilíbrio e contraste entre deficiência e empoderamento. Na hierarquia visual, o foco sai da personagem principal, e o olhar do leitor é orientado para o gato e para a mensagem. Assim, o gato é o componente visual que desestabiliza a imagem, pois desvia a atenção do leitor para o texto na parte inferior do meme, em cor que contrasta com as cores usadas nos cartazes.

Os cartazes transmitem mensagens de impacto social, afirmando a agência e voz feminista: “vadia” desafia os estereótipos de gênero, e “sambando na cara do machismo” simboliza empoderamento e não conformidade com as normas impostas pela sociedade patriarcal. Na intertextualidade, há referências às tradições carnavalescas e ao discurso feminista, ambos subversivos, deixando clara a justaposição entre deficiência e empoderamento. Já a mensagem “eu sei que você riu da feminista deficiente dizendo que ia sambar na cara de alguém”, ao deslocar o verbo “sambar” do seu sentido conotativo para o denotativo, transmite a ideia de capacitismo e zomba da feminista com deficiência ao sugerir que ela não pode sambar devido à sua condição. A mensagem reforça estereótipos

prejudiciais e mina a agência da feminista, a qual evidencia-se pela sua participação ativa no carnaval, segurando cartazes e expressando sua luta.

O meme foi banido de redes sociais após a estudante denunciar o assédio que sofrera e, apesar da repercussão negativa, foi por meio dele que ela reafirmou sua voz, advogando por mudanças e por punição de atitudes discriminatórias.

No contexto da prática social, o meme reflete atitudes mais amplas da sociedade em relação a diferentes temas. Quando se trata de gênero e raça, as experiências dos indivíduos são moldadas pela interseção de múltiplas identidades e sistemas de opressão (Crenshaw, 1991). A interseccionalidade reconhece que as pessoas ocupam posições sociais diversas e que suas experiências são influenciadas por uma variedade de fatores interligados. Por exemplo, uma mulher negra pode enfrentar formas específicas de discriminação que são diferentes das experiências de uma mulher branca ou de um homem negro, devido à interseção de sua raça e gênero (Crenshaw, 1991).

Ao explorar a representação de identidades no digital, é crucial reconhecer que as interseções entre gênero e raça muitas vezes são simplificadas ou distorcidas, especialmente quando se trata de mulheres no contexto dos memes. A natureza viral e simplificada dos memes pode minimizar a complexidade das identidades interseccionais, apresentando narrativas unidimensionais que não capturam as experiências diversificadas dos grupos marginalizados.

A rápida propagação de memes envolvendo celebridades também amplifica os riscos de perpetuação de estereótipos e preconceitos. Quando os memes envolvem a imagem de celebridades, eles tendem a circular e viralizar de forma mais rápida, e se tornam não apenas fontes de entretenimento, mas também perpetuam discursos discriminatórios que refletem e reforçam as desigualdades sociais presentes na sociedade offline. Dessa forma, o compartilhamento de memes nas redes sociais comprova a natureza participativa do discurso online, onde os usuários se envolvem na criação e disseminação de conteúdo, muitas vezes minando as fronteiras entre humor e sarcasmo, gerando preconceitos.

O caso dos memes gerados a partir das fotos do casamento da cantora Preta Gil ilustra como a participação ativa dos usuários nas redes sociais pode resultar na disseminação de conteúdo prejudicial, alimentando narrativas preconceituosas que não apenas afetam diretamente a vida e a imagem pública das celebridades, mas de qualquer pessoa que se identifique com o estereótipo representado. Em maio de 2015, vários memes da cantora vestida de noiva e em diferentes momentos do seu casamento viralizaram. A maioria desses

memes expressa gordofobia, e outros, como os que analisamos neste estudo, racismo. Além da circulação em redes sociais, eles também foram divulgados em *sites* de notícia, como *Extra* (G1), *Jovem Pam*, *Uol* e *Veja*; e em *blogs*, como *Socialista Morena*, que questiona a produção e disseminação de memes de conteúdo discriminatório.

**Figura 2 – Meme “Lá vem a preta toda de branco”**



**Fonte: Ego (reprodução do Instagram), 2015 (editada)**

As relações de poder estão presentes na criação e disseminação do meme, bem como na interpretação e recepção por parte do público. Na perspectiva da gramática visual, o meme se apropria do contraste entre a cor branca do vestido de noiva e a pele de Preta Gil para transmitir sua mensagem. A simbologia do vestido branco é subvertida tanto pela tradição de que o vestido branco de noiva é destinado apenas para as virgens, quanto pela identidade racial da noiva, desafiando as expectativas do público e sugerindo uma narrativa irônica. A imagem de Preta Gil vestida de branco também pode ser interpretada como uma declaração de empoderamento e autoconfiança, rejeitando padrões estereotipados de beleza e comportamento. Nesse sentido, desconsiderando o contexto de produção do meme, ele poderia transmitir uma mensagem sobre a quebra de estereótipos e a celebração da individualidade.

No entanto, quando contextualizado, este meme reflete as dinâmicas sociais em torno de raça e identidade, e revelam as relações de poder, cuja intencionalidade é externalizar o racismo, disfarçado de humor. Assim, além do contexto, não seria possível interpretar o meme sem a linguagem textual. Considerando o discurso textual “Lá vem a preta toda de

branco”, há uma interseção entre identidade racial e tradições culturais, e o meme é interpretado como uma provocação de cunho racista. Ao usar os termos “pretas” e “branco” na legenda, o meme induz o leitor a associar as palavras com as cores, e consequentemente, o foco é desviado do código imagético em destaque – a noiva – numa tentativa de reduzir a identidade de Preta Gil à sua raça, sugerindo uma forma sutil de racismo.

Este meme convida ao debate sobre como as expectativas sociais e culturais podem ser limitantes e excludentes, bem como o meme, a seguir, que reflete as dinâmicas culturais e religiosas em torno do casamento e da identidade afro-brasileira.

**Figura 3 – Meme “#Pretavaicasar”**



**Fonte: Menezes, 2015 (editada)**

A intertextualidade entre as imagens é bastante expressiva. Na perspectiva da GDV, o meme utiliza a composição e o contraste entre as imagens de Preta Gil e Iemanjá para transmitir sua mensagem. A disposição das imagens lado a lado induz à comparação entre duas personalidades, destacando as semelhanças em seus trajes brancos e criando uma narrativa visual. A similaridade entre os vestidos de noiva da cantora e da divindade africana estabelece uma conexão entre o casamento e as tradições religiosas cristã e afro-brasileira, enquanto a imagem de Iemanjá adiciona uma dimensão espiritual e sagrada à narrativa.

Por meio da prática social do discurso, o leitor conecta a imagem de Iemanjá ao Candomblé ou Umbanda, e Preta Gil à Iemanjá, devido à semelhança entre os trajes que a divindade e a artista vestem e, portanto, seu casamento em uma igreja Católica não pode ser aceito. Dessa forma, intencionalmente, o meme sugere uma desconexão simbólica entre o casamento tradicional do catolicismo e as tradições religiosas afro-brasileiras. O que está implícito na comparação entre a celebridade e a divindade revela as relações de poder no discurso: consideradas a etnia e a raça, Preta Gil não pode ser católica, e seu casamento em uma igreja tradicional católica é uma afronta, uma apropriação cultural ou desrespeito às tradições religiosas cristãs. Essa interpretação é reforçada pela *hashtag* “#joganomaroferenda”.

A referência ao ditado popular "volta para o mar oferenda" é claramente uma alusão à prática de afastar coisas ruins, jogando oferendas no mar, com Iemanjá sendo a divindade associada a essa prática. No entanto, quando aplicado a Preta Gil, esse ditado pode ser interpretado como uma forma de reforçar estereótipos raciais negativos, associando-a a ideias de impureza ou negatividade. Essa interpretação é reforçada pela *hashtag* na parte superior do meme “#pretavaicasar”. A palavra “preta” é uma referência ambígua à Preta Gil, uma forma de diminuir ou desvalorizar sua identidade racial, outra clara manifestação de racismo.

Os memes do casamento de Preta Gil que analisamos envolvem uma complexa interseção entre cultura, religião e identidade. Ao desconsiderar a interseccionalidade (Crenshaw, 1991), estes memes são perpetuadores de estereótipos raciais e contribuem para a marginalização e desvalorização da identidade racial, representada pela cantora.

## Considerações finais

No contexto da cultura digital, os memes são tanto reflexo quanto agente das dinâmicas sociais e culturais. Ao transitar entre o humor e a crítica social, os memes frequentemente se apropriam de imagens e comportamentos femininos por meio de uma abordagem grotesca, destacando características físicas, comportamentos e eventos associados ao feminino de forma caricatural e, muitas vezes, ofensiva. Esses memes, longe de serem neutros ou despretensiosos, carregam camadas de significado que reforçam estereótipos de gênero que revelam uma complexa teia de percepções, atitudes e relações de poder, perpetuando, de forma sutil, normas opressivas e dinâmicas de poder fundamentadas no patriarcado. Ao explorar o grotesco nos memes, é possível não apenas expor as normas de gênero e os estereótipos subjacentes, mas também desvelar as estratégias de subjugação e

perpetuação de preconceitos, tais como capacitismo e racismo, que operam por meio dessas representações.

A análise dos memes de Preta Gil e da cadeirante feminista revela a complexidade das interseções entre raça, gênero, deficiência e ativismo na cultura digital. Os memes de Preta Gil exemplificam como o racismo estrutural pode se manifestar de forma disfarçada em conteúdos humorísticos, reforçando estereótipos raciais por meio da ridicularização e da desumanização de corpos negros. Esses memes, que parecem inofensivos à primeira vista, perpetuam uma lógica racista que associa a negritude a características negativas e exageradas. Da mesma forma, o meme da cadeirante feminista evidencia como as mulheres com deficiência enfrentam uma dupla marginalização – tanto pela sua condição física quanto por sua postura ativista –, sendo frequentemente estigmatizadas por não se conformarem aos padrões normativos da feminilidade e da capacidade física. Essas representações digitais por meio de memes não apenas refletem as desigualdades sociais, mas também contribuem para a perpetuação de um imaginário coletivo que exclui e marginaliza corpos e identidades que fogem ao padrão dominante, alertando para a necessidade de uma leitura crítica e interseccional dessa manifestação cultural.

As análises por meio do modelo tridimensional da Análise Crítica do Discurso, e da Gramática do Design Visual destacam a interação dinâmica entre discurso, prática social, representação visual e significado cultural na produção e interpretação de memes, revelando a complexidade das representações culturais e identitárias no digital. Os memes, com sua capacidade de disseminação rápida e alcance global, desempenham um papel significativo na construção da cultura digital contemporânea. No entanto, é crucial reconhecer que, devido ao seu caráter humorístico e aparentemente inofensivo, os memes podem, inadvertidamente ou intencionalmente, perpetuar estereótipos, discriminação e assédio moral.

Ao reconhecer o impacto social e cultural significativo dos memes, torna-se imperativo engajar-se em análises críticas que desvelam as complexidades das representações culturais e identitárias presentes nessas formas de comunicação visual. Essa abordagem analítica possibilita uma reflexão mais aprofundada sobre as dinâmicas de poder subjacentes reproduzidas pelos memes. Dessa forma, ao invés de perpetuar estereótipos e discriminação, a análise crítica dos memes proporciona uma oportunidade para promover uma cultura digital mais inclusiva e respeitosa, onde sejam contestadas e desconstruídas narrativas opressivas e marginalizantes.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. D. Gramática Visual: trazendo à visibilidade imagens do livro didático de LE. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 14, n. 2, p. 61-84, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2011v14n2p61>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ARKENBOUT, C.; WILSON, J.; de ZEEUW, D. (2021). Introduction: global mutations of the viral image. *In*: ARKENBOUT, C.; WILSON, J.; de ZEEUW, D. (Ed.). **Critical meme reader: global mutations of the viral image**. Institute of Network Cultures, 2021. p. 8-17.

ARRUDA, R. B. L.; ARRUDA, M. R. S. R.; ARAÚJO, A. D. A construção de sentidos em memes na perspectiva da prática social e da multimodalidade discursiva. **PERcursos Linguísticos**, v. 7, n. 16, p. 155-171, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/17737>. Acesso em: 06 abr. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. de Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAUCKHAGE, C. Insights into Internet Memes. **Proceedings of the International AAAI Conference on Web and social media**, v. 5, n. 1, p. 42-49, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1609/icwsm.v5i1.14097>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BERRI, Bruna. **O corpo para pessoas com deficiência física: mídia e representações sociais**. 2018. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189925>. Acesso em: 28 mar. 2024.

CASAMENTO de Preta Gil e looks dos famosos viram meme na web. **Ego (G1)**. 12 maio, 2015. Disponível em: <https://ego.globo.com/moda/noticia/2015/05/casamento-de-preta-gil-e-look-dos-famosos-vira-meme-na-web.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CHAGAS, V. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. **BIB - Revista Brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 95, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/119>. Acesso em: 18 mar. 2024.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acesso em: 29 abr. 2024.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GILL, Rosalind. Postfeminist media culture: Elements of a sensibility. **European Journal of Cultural Studies**, v. 10, n. 2, p. 147-166, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1367549407075898>. Acesso em: 29 abr. 2024.

KAYSER, Wolfgang J. **O grotesco**. 3. ed. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. London: Routledge, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. de C. I. Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

MANOVICH, Lev. Remixability and modularity. **Manovich**, 2005. Disponível em: [http://manovich.net/content/04-projects/046-remixability-and-modularity/43\\_article\\_2005.pdf](http://manovich.net/content/04-projects/046-remixability-and-modularity/43_article_2005.pdf). Acesso em: 28 mar. 2024.

MELLO, J. A. Revisitando o grotesco: o indefinível como transgressão na arte. **Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura**, v. 3, n. 2, p. 57-70, 2020. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/taa/article/view/10252/9334>. Acesso em: 10 já. 2024.

MENEZES, Cynara. Memes do casamento da Preta Gil: humor ou gordofobia? Vocês decidem. **Socialista Morena**, 14 maio 2015. Disponível em: <https://www.socialistamorena.com.br/humor-ou-gordofobia-voces-decidem/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MILNER, Ryan M. **The world made meme: discourse and identity in participatory media**. 2012. 321 f. Doctoral dissertation. Program in Communication Studies and the Graduate Faculty of the University of Kansas, 2012. Disponível em: <https://kuscholarworks.ku.edu/handle/1808/10256>. Acesso em: 18 mar. 2024.

PACIELLO, M.; *et al.* Online sexist meme and its effects on moral and emotional processes in social media. **Computers in Human Behavior**, n. 116, p. 1-14, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106655>. Acesso em: 18 mar. 2024.

POSTMAN, N. The Reformed English Curriculum. *In*: EURICH, A. C. (Ed.). **High School 1980: the shape of the future in American secondary education**. Pitman Publishing Corporation, 1970. p. 161-168.

RODRIGUES, Luana. Páginas do Facebook fazem meme com foto de jovem com deficiência. **Campo Grande News**, 7 fev. 2016. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/paginas-do-facebook-fazem-meme-com-foto-de-jovem-com-deficiencia>. Acesso em: 15 abr. 2024.

RUSSO, Mary. **O grotesco feminino**: riso, excesso e modernidade. Trad. de T. M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SHIFMAN, L.; COLEMAN, S.; WARD, S. Only joking? Online humour in the 2005 UK general election. **Information, Communication & Society**, v. 10, n. 4, p. 465-487, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691180701559947>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 18, n. 3, p. 362-377, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jcc4.12013>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge, MA: MIT press, 2014.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. 2. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2014.

SOUTO, Ingrid Nicola. **Influenciadores educacionais**: um estudo sobre a prática pedagógica com memes da internet. 2023. 296 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/252673>. Acesso em: 15 mar. 2024.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e Cultura**, v. 68, n. 3, p. 60-61, 2016. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000300018>. Acesso em: 18 mar. 2024.

WORTH, A.; AUGOUSTINOS, M.; HASTIE, B. (2016). “Playing the gender card”: Media representations of Julia Gillard’s sexism and misogyny speech. **Feminism & Psychology**, v. 26, n. 1, p. 52-72, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0959353515605544>. Acesso em: 18 mar. 2024.

## **BIOGRAFIA DAS AUTORAS**

### **DANIELA DE AZEVEDO**

Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), na linha de pesquisa ETEC - Educação, Tecnologias e Comunicação. Professora na Universidade Estadual de Montes Claros. Integrante do Grupo de Pesquisa GEFL.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9163-6562>

*E-mail:* dannyazef@yahoo.com.br

### **ANDREA CRISTINA VERSUTI**

Doutora em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, na linha de Pesquisa ETEC - Educação, Tecnologias e Comunicação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3150-5015>

*E-mail:* andrea.versuti@gmail.com